

# Estertor dos Critérios

## Pessoas Estupidamente Parvas

A primeira característica do ter razão é falar bem, depois achar-se o melhor. Diria facilmente Schopenhauer. Mas não é só isso. Hoje em dia é fácil apanhar-se, nesta selva urbana, um estúpido que pensa que o mundo é seu, por maior que seja. Eis a questão do tamanho. A traves está no olho e ele, afinal, só vê o seu umbigo. Está, portanto, duplamente equivocado. É burro, que se há-de fazer? E um burro dá coices. É manso quando lhe fazem festas ou lhe passam a roupa no pêlo...

As pessoas são um pouco como as sanitas, pelo menos alguma: quando estão limpas engolem tudo; quandoe stão sujas também. Isto poderia dizer um observador da cultura portuguesa, mas cá nós somos observador-participante, damos a ganhar, não nos interessa cegamente o lucro naquilo que fazemos. Num dos meus primeiros livros, *Magnitude*, conto a história de Simão Prestes, que estava pairando no Oriente há dias e me recusou esmola, eu fiquei bastante baralhado com ele. Isso é o que certa mentalidade americana não entende, alguém que não queira dinheiro, pois por lá habita lucro e concupiscência.

A este propósito, podemos anotar que Frank Zappa não gostava de ver televisão. Nem eu gosto. Mas, às vezes até gosto, nem que seja pela anónima companhia que nos faz viajar no tempo que se desenha, entre fogos e mar, entre violência doméstica e tontice dos políticos provincianos, onde se contam alguns jornalistas. Mas não vim aqui, ao contato convosco, para dizer mais, descobri outra coisa em mim, entre certas e determinadas bem modestas, diria Passos Coelho: “conheço a tipografia pelo cheiro da tinta dos jornais... É um dom, não vale muita coisa, é puramente pavoneante e estático, logo, filosófico como o perfume parisiense que tenho ali, não vou mentir, que ponto apenas de

manhã, depois do banho (“o que fazes no banho”?-diz a canção no universo de Ibiza)...

Tudo isto faz parte da civilização, a evolução dos hábitos de higiene e como as pessoas da aldeia são, por vezes, mais limpas do que as da cidade, que acabam por ter tudo e andarem embrulhadas na porcaria sem o saberem...

Lembro, a propósito disso e por coisa que não menciono (nem sei porque razão, talvez a falta de espaço para esta crónica), o meu professor de Português do 9º ano, que chamávamos de Pasteleiro, não sei porquê, nem sequer cheguei nunca a saber o seu nome, nessa altura, consegui acabar o 9º anos sem chumbar, mas a medida foi aplicada mais tarde no ensino complementare, que fiz duas vezes, dentro e fora do seminário. Terá Ventura andado nestas paragens? É também uma personagem de um dos meus livros, mas isso são outras histórias, entre violência e coerção social, entre roubo e impudícia... pois, a coisa é moral, e o PS talvez deva fazer uma certa contrição por ter aberto a Caixa de Pandora em vários domínios. Mas era preciso, julgo...

Então, pergunto-me, terão perfume as ideias? Então, tenham o que tiverem, são desde logo concretas, ou seja, há uma legítima antropologia filosófica em tudo isto, nesta realidade que vejo e oiço... Talvez por isso, devêsse haver mais antropologia no ensino secundário, porque o sistema educativo está feito para tudo e todo mas pouco ou nada para esta Disciplina, que tem um programa do 12º ano...eu, por exemplo quando o seminário de Leiria ainda tinha muitos alunos, chamados seminaristas, fiz antropologia cultural e, nesse ano, fui fazer a equivalência na Secundária Rodrigues Lobo, onde fui mais tarde dar aulas de Geografia... O argumento do desenvolvimento cognitivo do aluno simplesmente não colhe...eles aprendem, com os novos media e as consolar a perceber de antemão como o mundo “funciona”.

Estará, pois, em crise a representatividade do debutado face à sociedade em geral? Face a ele mesmo e ao poder que está acima dele, que é do Presidente da República? E terá Marcelo, neste contexto, apenas poder para demitir o governo? Pura e simplesmente, Marcelo não tem

poder, senão para tal, porque não precisa, é popular... Mas será mesmo assim?

Posso estar no mundo da lua, talvez deva ser porque sou professor e não vou dando aulas, estou afastado há trinta anos. Trinta anos e a tese surgiu num repente, em meio da morte de um amigo meu que se suicidou. Aprendi a lidar com isso, aprendi a lidar com a realidade e a perceber no pessimismo de certos jornalistas, uma ideia de que o mundo deveria ser melhor para Todos e não só para alguns...

**Victor Mota**